

# O impasse na produção de energia

## Setor industrial deve criar alternativas de geração de energia para evitar interromper a produção

O gás natural vem sendo implantado nos últimos cinco anos com grande crescimento de seu uso, sobretudo devido ao custo acessível. Entretanto, as empresas já conhecem os riscos de haver um “apagão do gás” proveniente da Bolívia. O Brasil não tem estrutura para atender toda a demanda de uso do combustível e a energia elétrica também está em seu limite, com risco de não fazer frente à demanda futura com o crescimento da atividade industrial no país.

A indústria nacional hoje tem consumo de energias na forma elétrica, gás natural – estas em grande quantidade –, carvão e lenha, principalmente para caldeiras. A grande maioria possui pelo menos duas formas de geração em suas empresas a fim de minimizar estes riscos.

Para evitar a ameaça de parar a produção, alternativas estão sendo criadas pelas corporações e algumas usinas de álcool e açúcar partem para a construção de termelétricas, nas quais grande parte de seu faturamento provém desta fonte, já para atender esta demanda que ocorre em épocas de apagão.

Nesse sentido, as alternativas de energias são: energia elétrica gerada por fonte eólica, solar, grandes e pequenas centrais hidrelétricas; energia gerada pelo uso de derivados de petróleo, tais como óleo combustível e gás; energia gerada por lenha e carvão e derivados da biomassa (energia proveniente de plantas verdes); e energia oriunda de geradores e motores de combustão.

As grandes hidrelétricas demoram para ficar prontas e muitas vezes estão ligadas a questões políticas. Porém, são as que trazem maior solução no longo prazo. As pequenas também são excelentes opções, pois se apresentam de forma rápida e eficiente para promover a expansão da energia elétrica.

Já o biocombustível é uma excelente solução em âmbito global. Para o Brasil, é ainda maior, pois o país tem condição de liderar a produção internacional, promovendo a substituição de até 60% da demanda mundial atual do óleo diesel mineral. Este estudo foi feito pela National Biodiesel Board (NBB) americana em pesquisa recente. Por outro lado, o meio político, as diversidades sociais, econômicas e ambientais geram distintas motivações regionais para a produção. A cadeia de produção deve ser sólida e bem elaborada até a chegada da energia ao consumidor final.

Do ponto de vista ambiental, o uso energético está determinado basicamente pelo custo e disponibilidade. “Quanto custa?” é sempre a primeira pergunta, seguida de “Para que será utilizada?” Em termos gerais, os derivados de petróleo e a eletricidade são predominantes, seguidos pelo consumo de biomassa, lenha/carvão vegetal e gás natural. E conforme o país cresce, são estas as opções que mais se desenvolverão. Com o risco de apagão iminente para os próximos anos, a melhor estratégia é estar sempre calcado em duas fontes diferentes e de custos e disponibilidade mais baixos. Lembrando que novas opções podem surgir num momento de crise, como a última, quando não faltaram empresas vendendo geradores para quem não estava preparado. ■



**Miguel Pardo Jr.** é diretor de Desenvolvimento e Aquisições da Hilu.